

“NA CHUVA QUE CESSA”: REFLEXÕES SOBRE A FIGURAÇÃO DA CHUVA EM FRAGMENTOS DO *LIVRO DO DESASSOSSEGO* E “CHUVA OBLÍQUA”, DE FERNANDO PESSOA

“Na chuva que cessa”: reflections on rain’s figuration in fragments of the Livro do Desassossego and “Chuva Oblíqua” by Fernando Pessoa

Patrícia Resende Pereira (UFOP)¹

RESUMO: O presente artigo tem o intuito de discutir a maneira como a imagem da chuva se faz presente na obra do escritor português Fernando Pessoa. Para tanto, foi selecionado o fragmento do *Livro do desassossego*, escrito por Bernardo Soares, semi-heterônimo de Pessoa, e o poema “Chuva Oblíqua”, do ortônimo Pessoa. Ao se estabelecer uma relação entre os textos, percebe-se que, no primeiro, a chuva aparece relacionada ao estado de espírito do poeta, como uma forma de refletir sobre o sentir, temática já recorrente nos escritos de Soares, enquanto no segundo, a imagem é o ponto de partida para uma viagem entre o exterior e o interior do ambiente, com quase nenhuma discussão sobre sentimentos.

PALAVRAS-CHAVE: chuva; Fernando Pessoa; Bernardo Soares

ABSTRACT: The purpose of this paper is discussing how the image of rain is present in the work of the Portuguese writer Fernando Pessoa. In the study it was selected the fragment 141 of *Livro do desassossego*, written by Bernardo Soares, semi-heteronym of Pessoa, and the poem “Chuva Oblíqua”, by the orthonymous of Pessoa. Comparing the texts, it is clear that, on the fragment, the rain appears related to the state of mind of the poet, as a way to reflect on the experience, recurring theme in the writings of Soares, while in the poem, the image is just the beginning of a journey between the interior and exterior, with almost no discussion about feelings.

KEYWORDS: rain; Fernando Pessoa; Bernardo Soares.

Introdução

Em suas reflexões sobre Fernando Pessoa, o estudioso Jerónimo Pizarro (2012) entende que o poeta parecia estar

destinado a ter vários heterônimos, já que o sobrenome Pessoa significa “máscara”. Com isso, compreende o estudioso, é preciso ter em mente que,

¹ Pós-doutoranda da Universidade Federal de Ouro Preto. Doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), na área de pesquisa Literaturas Modernas e Contemporâneas. Realizou doutorado-sanduíche na Universidade do Porto, em 2017, com financiamento da Bolsa de Investigação em Cultura Portuguesa para Estrangeiros da Fundação Calouste Gulbenkian. Mestre em Estudos de Linguagens pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (Cefet-MG), em 2012. Atua como professora de Redação, Literatura e Língua Portuguesa no Ensino Fundamental II e Ensino Médio. Tem graduação em Jornalismo e em Letras: licenciatura em português. Email: patriciarpereira@gmail.com

“se for possível o destino de alguém estar, de algum modo misterioso, cifrado no seu próprio nome de família [...], esse alguém foi sem dúvida Pessoa, que se multiplicou numa miríade de Pessoas, em rostos poéticos, e não somente em personalidades” (PIZARRO, 2012, p. 77).

O poeta especializou-se, então, em dar vida a uma série de heterônimos, com biografias e estilos de escrita diversificados, como se fossem realmente pessoas diferentes. Por isso, eles não podem ser compreendidos como pseudônimo, como gosta de destacar Pizarro (2012), visto que, se assim fosse, a personalidade de Pessoa seria preservada e apenas o nome sofreria modificação, o que não acontece. O próprio poeta comenta, inclusive, conforme Pizarro (2012), que entende os heterônimos como dotados de sentimentos e de pensamentos não compartilhados por ele, além de opiniões que, em algumas ocasiões, ele não aceita e que “seus escritos são obras alheias, embora, por acaso, sejam minhas” (PESSOA *apud* PIZARRO, 2012, p. 87). Nesse cenário, surge, assim, Bernardo Soares, que trabalha como ajudante de guarda-livros em um escritório na Rua dos Douradores, onde também mora. Os

escritos desse heterônimo, compreendidos em diversos fragmentos espalhados em inúmeros cadernos, foram publicados no *Livro do desassossego*, após a morte de Pessoa. Conforme comenta José Augusto Seabra (1997, p. 209), em seus textos, Soares reconstrói “o ambiente das ruas e das casas de Lisboa, mistura meditações sobre temas obsessivos, entre o tédio e a depressão, num tom mais coloquial ora mais literário (...)”.

Com efeito, vale destacar que Bernardo Soares é considerado pelo poeta um semi-heterônimo, como explica em uma carta enviada a Adolfo Casais Monteiro, em 13 de Janeiro de 1935: “É um semi-heterônimo porque, não sendo a personalidade a minha, é não diferente da minha, mas uma simples mutilação dela. Sou eu menos o raciocínio e a afetividade” (PESSOA, 2006, p. 518). Soma-se a essa questão, o fato de que o poeta português também assinava seu nome em alguns poemas, prática compreendida pelo nome de ortônimo. Tal processo, compreende Pessoa, tem início quando percebe que os textos são mais parecidos com ele. Com isso, entende Pessoa (*apud* PIZARRO, 2012, p. 85) que “a mais própria expressão do meu temperamento, publicá-las-hei sob

o meu nome. Mas não deve julgar-se que as dou por mais verdadeiras do que as que publicarei com nomes inventados”. Sendo assim, o intuito deste artigo é refletir sobre a maneira como a imagem da chuva se faz presente na obra de Pessoa, tendo como ponto de partida para a discussão o *Livro do desassossego*, de Bernardo Soares, seu semi-heterônimo, e o poema “Chuva Oblíqua”, escrito pelo ortônimo Pessoa e presente em *Ficções do Interlúdio*. Como a obra de Bernardo Soares é extensa, a pesquisa se concentrará apenas nos fragmentos 141, 240 e 309, que receberam o nome de “Paisagem de Chuva”, o que, por si só, já destoa de todo o restante da obra, visto que boa parte dos fragmentos não possui título.

Para tornar o artigo possível, em um primeiro momento, os esforços serão concentrados em discutir as passagens selecionadas do *Livro do desassossego*. Já na segunda parte, haverá a discussão acerca do poema “Chuva Oblíqua”, de modo a buscar estabelecer um diálogo com a sessão anterior.

A chuva como fonte de reflexão

Em “Paisagem de Chuva”, Bernardo Soares estabelece de certa forma uma relação entre a chuva e o seu estado de

espírito, como comprova o começo do texto: “Em cada pingo de chuva a minha vida falhada chora na natureza. Há qualquer coisa do meu desassossego no gota a gota, na bátega a bátega com que a tristeza do dia se destorna inutilmente por sobre a terra” (PESSOA, 2006, p. 158-159). A chuva, nesse sentido, é uma forma de traduzir a tristeza sentida pelo sujeito. Ao mesmo tempo, esse sentimento pode ser considerado algo produtivo, visto que incentiva reflexões sobre a sua própria existência, como comprova o trecho: “Uma mão fria aperta-me a garganta e não me deixa respirar a vida. Tudo morre em mim, mesmo o saber que posso sonhar! [...] Todas as maciezas em que me reclino têm arestas para a minha alma” (PESSOA, 2006, p. 159).

Desse modo, em razão da chuva, o eu lírico começa a refletir sobre a sua própria existência no mundo. Para comprovar o argumento, cabe destacar que os autores Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (1986), no *Dicionário de Símbolos*, compreendem a chuva como símbolo das influências celestes, sendo, ainda, um agente que contribui com a fertilidade da terra, assim como do espírito. Como explicam os

pesquisadores, “a chuva, diz o *Yi-king*², é originária do princípio *k'ien*, o princípio ativo, celeste, do qual todas as manifestações extraem sua existência³” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1986, p. 671, tradução nossa)

Com isso, nota-se que a chuva contribui de forma produtiva para a reflexão de Bernardo Soares sobre a vida. É possível reforçar esse argumento quando se leva em consideração que essa imagem se faz presente também no fragmento 240, outro que leva o título “Paisagem de chuva”, no qual, durante uma noite chuvosa, o poeta se pôs a pensar: “Nova, fluida, incerta, a chuva soava. Os momentos tardavam ao som dela. A solidão da minha alma alargava-se, alastrava, invadia o que eu sentia, o que eu queria, o que ia sonhar” (PESSOA, 2006, p. 242). O fragmento mostra, então, como a chuva seria o ponto de partida para que o sujeito poético pensasse na própria vida.

Sobre isso, Richard Zenith (2006), organizador da edição utilizada na escrita deste artigo, comenta que os três fragmentos intitulados “Paisagem de Chuva”, ao lado de todos os outros

relacionados com a natureza, possuem forte ligação com o sonho. Como arrazoado o crítico, “Bernardo Soares sonha e sente ‘realmente’, diariamente. Para isso são fundamentais aqueles trechos pós-simbolistas com florestas, lagos, reis e palácios, pois são eles-mesmos *sonhos*, postos em palavras” (ZENITH, 2006, p. 27, *itálico do autor*).

Ao lado disso, o crítico chama a atenção para o fato de que a chuva, e também a paisagem, é uma forma de ilustrar como sentir a natureza e a vida que rodeia o poeta, assim como o tempo. Percebe-se, nesse sentido, que a chuva no *Livro do desassossego* tem forte relação com sentir, fazendo com que sirva de ponto de partida para a reflexão sobre a própria existência.

Esse sentir é evidenciado pelo fragmento 309, o terceiro intitulado “Paisagem de Chuva”, que se resume a apresentar a frase: “Cheira-me a frio, a mágoa, a serem impossíveis todos os caminhos, a ideia de todos os ideais” (PESSOA, 2006, p. 297) Nesse caso, a chuva, apesar de não ser mencionada no texto, é presença percebida pelo título do fragmento, e provoca no sujeito poético o sentimento

² Livro de mutações circular dos trigramas – desenhos correspondente às oito variações Yin Yang em três linhas.

³ No original, em espanhol: “La lluvia, dice el Yi-king, es originaria del principio k'ien, el principio activo, celeste, del que toda la manifestación extrae su existencia”.

de mágoa e possivelmente solidão, possibilitando que sentisse como se tudo parecesse perdido.

Viagem pelo exterior e interior

O poema “Chuva Oblíqua”, escrito pelo ortônimo Pessoa, de 1914, é dividido em seis partes. Antes do início da reflexão sobre o texto poético, é necessário destacar que Zenith (2006), em seu comentário sobre a organização do *Livro do desassossego*, assevera que Pessoa pensou na possibilidade de expandir o campo de criação de Soares, tornando-o também um poeta de versos. Nesse processo, o escritor português iria atribuir a autoria de “Chuva Oblíqua” ao ajudante de guarda-livros. Contudo, conforme Zenith (2006), o poeta português passa a achar que isso iria confundir os leitores. Com efeito, “Pessoa percebeu isto e retrocedeu, reavendo os poemas que lhe havia emprestado, como podemos deduzir de uma carta a Adolfo Casais Monteiro datada de 13/1/1935, na qual reconhece ‘Chuva Oblíqua’ como produção ortonímica” (ZENITH, 2006, p. 26).

Essa tentativa de mudar a autoria do poema, segundo Zenith (2006), está ligada ao fato de que Pessoa passa a considerar “Chuva Oblíqua” e “Passos

da Cruz” como textos “que representam iguais experiências’ [nas palavras de Pessoa], chamando-lhes lixo” (ZENITH, 2006, p. 24). Isso justificaria, ainda na concepção de Zenith (2006), a tentativa de atribuí-los à Soares, com o intuito de redimi-los, dando-lhes um contexto para que fossem valorizados.

Contudo, quando se reflete sobre “Chuva Oblíqua”, é possível notar que, ao menos no que diz respeito à chuva, a maneira como esse elemento aparece no texto poético se diferencia da forma como surge em *Livro do Desassossego*. Nesse caso, vale destacar que a pesquisa vai se concentrar na Parte II de “Chuva Oblíqua”, na qual a imagem da chuva se faz mais recorrente. Nela, a chuva, assim como o fragmento 141 do livro de Soares, é o ponto de partida para que o poeta dê início às suas reflexões. Insere-se, então, o poema em pauta:

Ilumina-se a igreja por dentro
da chuva deste dia,
E cada vela que se acende é
mais chuva a bater na vidraça...

Alegra-me ouvir a chuva
porque ela é o templo estar
aceso,
E as vidraças da igreja vistas de
fora são o som da chuva ouvido
por dentro...

O esplendor do altar-mor é o eu
não poder quase ver os montes
Através da chuva que é ouro
tão solene na toalha do altar...

Soa o canto do coro, latino e
vento a sacudir-me a vidraça
E sente-se chiar a água no facto
de haver coro...

A missa é um automóvel que
passa
Através dos fiéis que se
ajoelham em hoje ser um dia
triste...
Súbito vento sacode em
esplendor maior
A festa da catedral e o ruído da
chuva absorve tudo
Até só se ouvir a voz do padre
água perder-se ao longe
Com o som de rodas de
automóvel...

E apagam-se as luzes da igreja
Na chuva que cessa...
(PESSOA, 1998, p. 20)

A partir da leitura do poema, logo se percebe que as reflexões nele inseridas se concentram muito mais em realizar uma viagem imagética no interior e no exterior do ambiente do que em refletir sobre o estado de espírito do poeta, como acontece no já citado trecho do *Livro do desassossego*. No começo da Parte II, por exemplo, a questão central é a relação entre a chuva e a igreja, algo iniciado pelos versos: “Ilumina-se a igreja por dentro da chuva deste dia, / E cada vela que se acende é mais chuva a bater na vidraça...” (PESSOA, 1998, p. 20).

Há, ainda, o emprego do recurso da metáfora nesse processo, quando se depara com a afirmação de que a missa celebrada na igreja é como um

automóvel que passa pelos fiéis, princípio evidenciado pelos versos: “A missa é um automóvel que passa / Através dos fiéis que se ajoelham em hoje ser um dia triste...” (PESSOA, 1998, p. 20). Nesses versos, é possível perceber que, assim como Bernardo Soares, que associa a chuva à tristeza, o sujeito poético de “Chuva Oblíqua” também faz o mesmo, ao afirmar que os fiéis estão ajoelhados nesse dia triste.

Ao lado disso, percebe-se que o poema busca explorar as relações do dentro e o de fora do ambiente. É possível ilustrar tal argumento com o seguinte verso, também retirado da segunda parte de “Chuva Oblíqua”:

O esplendor do altar-mor é o eu
não poder quase ver os montes
Através da chuva que é ouro
tão solene na toalha do altar...
Soa o canto do coro, latino e
vento a sacudir-me a vidraça
E sente-se chiar a água no fato
de haver coro...
(PESSOA, 1998, p. 20)

Nesse sentido, o altar, a parte principal da igreja, onde fica o celebrante e tudo necessário para os rituais da liturgia, é chamado de monte, algo que fica do lado de fora, enquanto a chuva, que cai na rua, se transforma em ouro na toalha, do lado de dentro da igreja. Ao mesmo tempo, o coral, outra parte de dentro da igreja, tem

seu canto ligado ao barulho feito pelo vento e pela água lá fora, quando sacodem as vidraças da igreja.

Nesse ponto, é necessário destacar que o poema, de acordo com João Décio (1968), ao lado de “Hora Absurda”, é representante do interseccionismo, corrente literária criada por Pessoa. Conforme Massaud Moisés (2004), em seu *Dicionário de Termos Literários*, o movimento, influenciado pela pintura cubista, tem o propósito de fundir os planos, seja o objetivo e o subjetivo, o sonho e a realidade, o interior e o exterior, estando aí a explicação para a relação entre o de fora e o de dentro nos versos citados anteriormente.

Além disso, realça-se, ainda sobre o interseccionismo em “Chuva Oblíqua”, que essa fusão entre os dois planos acontece da seguinte forma, conforme defende o pesquisador Horácio Costa (s/d). De acordo com o estudioso, o poema de Fernando Pessoa apresenta um movimento em cada uma de suas seis partes, apresentando a fusão de dois planos:

O de uma paisagem que pouco a pouco se altera - indicando ora um “exterior” – o quintal que o poeta descortina pela janela, com os seus renques de árvores - e ora um “interior” – o quarto ou a mesa na qual escreve - e uma sucessão de

imagens que obliquamente, prismaticamente incidem sobre ela (...) (COSTA, s/d, p. 10).

No caso da parte II, então, o exterior é o lado de fora da igreja, enquanto o interior pode ser compreendido como o seu lado de dentro.

Ao se comparar esse princípio com o fragmento 141, “Paisagem de Chuva”, percebe-se que Bernardo Soares faz algo parecido. Entretanto, ao invés de estabelecer relação entre o lado de dentro e lado de fora do espaço físico, como Pessoa na parte II de “Chuva Oblíqua”, Soares faz com o seu estado de espírito. É possível ilustrar tal afirmativa com o seguinte trecho:

As biqueiras golfam torrentes mínimas de águas sempre súbitas. Desce pelo meu saber que há canos um barulho perturbador de descida de água. Bate contra a vidraça, indolente, gemedoramente, a chuva; Uma mão fria aperta-me a garganta e não me deixa respirar a vida. (PESSOA, 2006, p. 242)

Nesse fragmento, Bernardo Soares relaciona o seu interior com a chuva que cai. O sujeito poético considera que, assim como desce a água, algo externo, também desce pelo seu conhecimento, o interno, o barulho perturbador feito pela chuva nesse processo. E é esse barulho atormentador, somado ao som feito pelo

vento na vidraça, que faz o eu lírico considerar que se sente incapaz de respirar a própria vida.

Considerações finais

Ao estabelecer uma comparação entre a imagem da chuva nos fragmentos selecionados do *Livro do desassossego* e no poema “Chuva Oblíqua”, percebe-se que, no primeiro caso, esse elemento aparece como forma de provocar a reflexão do poeta sobre sua própria existência, remetendo ao sentir, um dos pontos que Bernardo Soares tanto levanta em sua obra.

Já em “Chuva Oblíqua”, essa imagem é uma maneira de iniciar uma viagem entre o interior e o exterior do ambiente, tendo pouca ou quase nenhuma reflexão, ao menos na segunda parte do poema, sobre

o estado de espírito do sujeito poético. A única menção sobre tristeza ou qualquer outro sentimento, nesse caso, acontece quando há a menção aos fiéis da igreja que se ajoelham em um dia triste de chuva.

Assim sendo, quando se estabelece comparação entre os dois textos, percebe-se que, assim como o sujeito poético de “Chuva Oblíqua” inicia uma reflexão tendo o lado de dentro e o de fora como ponto de partida, também os fragmentos do *Livro do desassossego* colocam em evidência questões semelhantes, mas usando o lado de fora, onde cai a chuva, como princípio para refletir sobre o seu interior, pautado pelo sentir.

REFERÊNCIAS

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Diccionario de los Símbolos**. Barcelona: Editorial Herder, 1986.

COSTA, Horácio. Poemas prismáticos: Pessoa e Pessanha. **Poligrafías**: Revista de teoría literaria y literatura comparada. n. 1.

DÉCIO, João; Breve Comentário a Propósito da Parte I de ‘Chuva Oblíqua’ de Fernando Pessoa-Ele Mesmo, **Revista de Letras**, vol.16, 1968. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/letras/article/viewArticle/19815> Acesso em 20 mai., 2013.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de Termos Literários**. São Paulo: Cultrix, 2004.

PESSOA, Fernando. Chuva Oblíqua. **Ficções do Interlúdio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

“NA CHUVA QUE CESSA” : REFLEXÕES SOBRE A FIGURAÇÃO DA CHUVA EM
FRAGMENTOS DO LIVRO DO DESASSOSSEGO E “CHUVA OBLÍQUA” , DE FERNANDO
PESSOA

PESSOA, Fernando. **Livro do desassossego**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

PIZARRO, Jerónimo. Obras ortónimas e heterónimas. **Pessoa existe?**. Lisboa: Ática, 2012.

SEABRA, José Augusto. Para a história do texto pessoano: dos biografemas à heteronímia. In: PESSOA, Fernando. **Mensagem** – Poemas esotéricos. São Paulo: ALLCA XX, 1997.

ZENITH, Richard. Introdução. In: PESSOA, Fernando. **Livro do desassossego**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
ra da Unicamp, 2008.